

AGRICULTURA FAMILIAR E REPRODUÇÃO SOCIAL: Estratégias dos Assentados de Santana do Livramento/RS

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2021.57.11763>

Recebido em: 27/11/2020

Aceito em: 28/06/2021

Jeferson da Luz Ferron,¹ Alessandra Troian,² Raquel Breitenbach³

RESUMO

A agricultura familiar, diversa e heterogênea, tem desenvolvido historicamente uma série de estratégias para se reproduzir social e economicamente. O presente estudo buscou analisar as estratégias de reprodução social utilizadas pela agricultura familiar assentada de Santana do Livramento/RS. Metodologicamente a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, realizada a partir do método estudo de caso. As técnicas de pesquisa utilizadas foram: pesquisa bibliográfica e documental, entrevista semiestruturada e observação não participante. Foram entrevistados 11 agricultores familiares assentados de 3 diferentes assentamentos rurais do município. A análise dos dados deu-se a partir da técnica de análise de conteúdo. Como principais resultados destaca-se que as estratégias de reprodução social adotadas pelos agricultores são diversificadas, mas não diferem entre os assentamentos. Na adoção das estratégias os agricultores levam em consideração as necessidades da família, a área de terra, localização do lote, acesso a políticas públicas e suas experiências de vida. Apesar da existência de 30 assentamentos rurais no município, os assentados enfrentam dificuldades para permanecer no campo, demandando que o Estado assuma a sua função de propulsor do desenvolvimento rural.

Palavras-chave: Assentamentos; pluriatividade; leite; diversificação; desenvolvimento.

FAMILY AGRICULTURE AND SOCIAL REPRODUCTION: STRATEGIES OF THE SETTLEMENTS OF SANTANA DO LIVRAMENTO/RS

ABSTRACT

Family farming, diverse and heterogeneous, has historically developed a series of strategies to reproduce socially and economically. The present study sought to analyze the social reproduction strategies used by settled family farming in Santana do Livramento/RS. Methodologically the research is characterized as qualitative, carried out using the case study method. The research techniques used were: bibliographic and documentary research, semi-structured interview and non-participant observation. Eleven family farmers from three different rural settlements in the municipality were interviewed. Data analysis was performed using the content analysis technique. As main results, it is highlighted that the social reproduction strategies adopted by farmers are diversified, but do not differ between settlements. In adopting the strategies, farmers take into account the needs of the family, the area of land, location of the lot, access to public policies and their life experiences. Despite the existence of 30 rural settlements in the municipality, the settlers face difficulties to remain in the rural environment, demanding that the State assume its role of driving rural development.

Keywords: Rural settlements; pluriactivity; milk; diversification; development.

¹ Universidade Federal do Pampa – Unipampa. Santana do Livramento/RS, Brasil.

² Autora correspondente. Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, RS. Rua Barão do Triunfo, 1048. Centro. CEP 97573-634. Santana do Livramento/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0939231468483828>. <https://orcid.org/0000-0001-8207-6436>. alessandratroian@unipampa.edu.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – Campus Sertão. Sertão/RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

A expressão agricultura familiar recebeu distintas definições ao longo do tempo. Inicialmente foi caracterizada como agricultura de subsistência, pequena produção e pobreza rural (MATTEI, 1999). Já Schneider (2004) trouxe um significado mais abrangente de agricultura familiar e a define como sendo as propriedades em que o trabalho e as decisões são realizados pela família, com produção agrícola e mão de obra prioritariamente familiar.

A agricultura familiar tem destaque no desenvolvimento das nações, pela sua capacidade de suprir alimentos básicos para o mercado interno (WANDERLEY, 2003), no entanto o reconhecimento econômico, político e social da categoria no Brasil iniciou apenas a partir da década de 90 do século 20, motivado pelo processo de redemocratização ocorrido no final da década de 80, que culminou com a elaboração da Constituição Federal de 1988 (MEDEIROS, 2003).

O início da década de 90 marcou a entrada da agricultura familiar no vocabulário acadêmico, destacando sua riqueza, especificidades e heterogeneidade. Estes agricultores distinguem-se pelas estratégias de reprodução (ABRAMOVAY, 1992). Entre as características da agricultura familiar destaca-se a diversidade econômica e a heterogeneidade, além da utilização do trabalho dos membros da unidade familiar para produção de alimentos para autoconsumo e comercialização, gerando renda para se reproduzir socialmente (MATTEI, 2014).

Por viverem no campo e serem proprietários dos meios de produção, a reprodução dos agricultores familiares depende da própria capacidade de escolher alternativas e desenvolver habilidades diante dos desafios que lhes são postos pelo ambiente social e econômico em que estão inseridos (SCHNEIDER, 2003, 2009). Consequentemente, a forma de reprodução da categoria é diversa, heterogênea e se reinventa ao longo do tempo (LAMARCHE, 1993).

A agricultura familiar no município de Santana do Livramento passou a ser foco de estudo devido, basicamente, a dois motivos: a) ser o município gaúcho com maior número de assentamentos rurais do Estado e b) o contraste verificado por meio da expansão da agricultura familiar assentada com a presença histórica de grandes propriedades rurais, voltadas para o agronegócio (AGUIAR, 2011; MONTEBLANCO, 2013; TROIAN, BREITENBACH, 2018).

Em Santana do Livramento a agricultura familiar foi historicamente ignorada pela Academia, políticas públicas, população local e demais organizações. Embora sempre existisse no município, a categoria foi negligenciada até meados da década de 90, quando teve início a introdução dos primeiros assentamentos rurais e pela criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Anterior ao período, a categoria social era marginalizada perante a agricultura patronal (TROIAN; BREITENBACH, 2018).

Apesar da evolução histórica no sentido de se reconhecer e valorizar a agricultura familiar de Santana do Livramento, alguns aspectos dificultam o desenvolvimento da categoria no município, destacando-se: pouca diversidade produtiva e monocultivo; baixa interação social e convívio comunitário pela distância entre as propriedades e dos centros urbanos; dificuldade de acesso à saúde, educação, lazer; tamanho das propriedades; precárias condições das estradas; desvalorização da agricultura familiar, dificuldades de escoar a produção. Diante dessas dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar de Santana do Livramento, a categoria busca formas e estratégias para se reproduzir e ganhar competitividade (TROIAN; BREITENBACH, 2018, 2020).

Considerando o contexto exposto e o ambiente político e social inóspito, o presente estudo tem como questões norteadoras: Que estratégias os agricultores familiares assentados de Santana do Livramento utilizam para a reprodução social? Em que as estratégias dos agricultores familiares assentados de Santana do Livramento se diferenciaram daquelas adotadas em outras regiões do Estado e país? Com o intuito de contribuir com o debate a respeito das estratégias de reprodução social adotadas pela agricultura familiar e minimizar a invisibilidade dos agricultores familiares assentados de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul (RS), é que emerge o presente estudo. O objetivo foi analisar as estratégias de reprodução social dos agricultores familiares assentados em Santana do Livramento/RS.

ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

Para a compreensão da agricultura familiar é necessário analisar sua dinâmica interna e as relações que a unidade familiar estabelece com o meio externo. Estas famílias adotam estratégias de reprodução social como respostas para pressões externas (ABRAMOVAY, 1992) e muitas vezes internas à própria família. Para fins da presente pesquisa, adotou-se como referência para definição de reprodução social os estudos de Bourdieu (1994). Segundo este autor, a reprodução social não é definida por normas externas aos atores sociais, a exemplo dos agricultores familiares, mas ocorre a partir de estratégias que a categoria social utiliza para reproduzir sua posição no espaço social. Estas estratégias são concebidas na família e podem estar relacionadas à educação, matrimônio, fecundidade e profilaxia, incluindo a própria reprodução biológica. Também podem ser estratégias simbólicas, de sucessão e econômicas (BOURDIEU, 1994).

As estratégias não ocorrem de forma isolada, estão correlacionadas entre si, são utilizadas em distintos momentos e tomam como base os aspectos almejados socialmente para a reprodução social (sejam estes econômicos, de educação, matrimônio, acesso aos “mercados”, trabalho e as regras jurídicas, etc.) e os ganhos marginais que a estratégia oferece para a família ou indivíduos (BOURDIEU, 1994). É a partir desta compreensão que a presente pesquisa analisou as distintas configurações utilizadas pelos agricultores familiares para sua reprodução social, visando à continuidade desta categoria social.

Assim sendo, as estratégias buscam a satisfação das necessidades dos agricultores e podem ser: produção e comercialização agropecuária e de autoconsumo, pluriatividade, programas sociais de transferência de renda e seguridade social rural, turismo rural (SCHNEIDER, 2009), variações na intensidade de trabalho, êxodo de familiares, redução do consumo, diversificação, redução ou intensificação da produção (LAMARCHE, 1993), entre outros.

Tais estratégias de reprodução social são adotadas pelos agricultores familiares de forma consciente e racional. São resultantes das relações materiais e histórico-culturais, transmitidas entre as gerações, além das escolhas e decisões dos membros em relação às demandas familiares ou produtivas (SCHNEIDER, 1999). Tais estratégias objetivam a permanência das famílias no campo, seja por meio de atividades agrícolas ou não agrícolas (PLEIN; SCHNEIDER, 2004).

Grisa, Gazolla e Schneider (2010) identificaram a produção de autoconsumo como uma estratégia de reprodução social, além da produção de alimentos, criação de animais, fabricação de ferramentas e confecção de insumos para o processo produtivo da unidade familiar. Outra estratégia é a pluriatividade, com combinação de atividades agrícolas e não agrícolas para com-

plementar a renda familiar. Conforme Baumel e Basso (2004), a pluriatividade é uma prática social que busca diferentes alternativas que garantam a reprodução das famílias de agricultores, com ampliação de fontes de renda.

As políticas públicas brasileiras de combate à pobreza e promoção do desenvolvimento rural, aliadas às políticas que têm relação direta com o mundo rural, tiveram incremento a partir dos anos 2003 (MATTEI, 2014). No entanto, esse incremento sofreu fortes alterações, a partir de 2016, com as medidas de austeridade fiscal adotadas nos últimos governos.

Neste tópico buscou-se apresentar algumas estratégias de reprodução social presentes na literatura sobre agricultura familiar, cuja diversidade e heterogeneidade possibilitam uma capacidade adaptativa às alterações climáticas e de mercado, buscando sua reprodução social mesmo em situações adversas. Imersa na diversidade da agricultura familiar, encontra-se a agricultura familiar assentada, escopo da presente pesquisa. Nesses termos, a seção a seguir abordará especificamente sobre a agricultura familiar assentada em Santana do Livramento.

A AGRICULTURA FAMILIAR E OS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RS

Santana do Livramento localiza-se no sudoeste do RS, região conhecida como Campanha Gaúcha, que faz parte do bioma pampa,⁴ na Fronteira Oeste do RS, divisa entre Brasil e Uruguai (CAGGIANI, 1983; ALBORNOZ, 2000), como pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1 – Localização da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, com destaque para Santana do Livramento/RS



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE (2021).

⁴ Tratado também como Campos Sulinos, presente em uma área de 176,5 mil Km² (cerca de 2% do território nacional) composto principalmente por vegetação campestre como gramíneas, herbáceas e algumas espécies de árvores. No Brasil, o bioma está presente no Rio Grande do Sul, ocupa aproximadamente 63% do território gaúcho. Também encontrado na Argentina e Uruguai (IBF, 2017).

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, o município possui 2.962 estabelecimentos agropecuários, ocupando uma área de 673.164 hectares. Destes, 1.746, aproximadamente 58% do total, enquadram-se na dinâmica da agricultura familiar, ocupando uma área de 56.494 hectares (IBGE, 2019).

A região tem terras propícias para a atividade agropecuária e a pecuária (ovina e bovina) é a principal atividade econômica do município, fornecendo carne para diversos frigoríficos do Estado e do país, além da lã ovina, por muito tempo matéria-prima indispensável à indústria têxtil. A produção de arroz, soja e mais recentemente a vitivinicultura e a fruticultura merecem destaque econômico. A produção leiteira, típica da agricultura familiar, também é uma importante atividade econômica do município (AGUIAR, 2011; MONTEBLANCO, 2013). A vitivinicultura vem acompanhada de outras atividades associadas, como o turismo, e tendem a trazer mudanças para a dinâmica econômica regional, com expectativas de contribuição para o desenvolvimento do território (SILVEIRA, 2018).

A estagnação econômica brasileira do início de 1990 impulsionou o fechamento de frigoríficos no município, acarretando desemprego e crise rural e urbana (ALBORNOZ, 2000). Em 1992 Santana do Livramento começou a fazer parte do mapa da reforma agrária brasileira, com a criação do seu primeiro assentamento rural. A partir daí o município estabeleceu 30 assentamentos rurais do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Juntos, estes assentamentos abrangem uma área total de 26.528 hectares e aproximadamente 907 famílias, com média de 29,3 hectares por família. Essa realidade faz de Santana do Livramento o município com maior número de assentamentos no Estado (INCRA, 2017). Consequentemente, trouxe mudanças e transformações na região, com os assentamentos contrastando com grandes propriedades rurais (AGUIAR, 2011; CHELOTTI, 2013; MONTEBLANCO, 2013). Famílias vindas de diversas regiões do Estado introduziram novas formas de organização, produção, cultivo e relações socioeconômicas diversificadas (AGUIAR, 2011).

Somado a esse processo que dinamizou o município, nas últimas duas décadas também se evidencia esforços em âmbitos federal e estadual, especialmente decorrentes da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), que visam a modificar a realidade, incentivando novos setores produtivos e dinâmicas econômicas locais. Reflexo destas ações foi a instalação das universidades, Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (Ifsul), bem como o desenvolvimento do Parque Eólico.

A iniciativa privada também vem construindo alternativas para a diversificação da economia. Destaca-se a evolução da vitivinicultura, a emergência da olivicultura, busca por diferenciação na produção de carne em virtude de características do território, organização da bacia leiteira, desenvolvimento do turismo, entre outras. As ações tendem a modificar a realidade recente do desenvolvimento (ENGELMANN, 2009).

Apesar dessas iniciativas, Aguirre e Troian (2020) apontam para a necessidade de maior atenção e reconhecimento do poder público, da Academia e da sociedade em geral para a formulação de políticas públicas que promovam a dignidade dos agricultores familiares e que fortaleçam a categoria social em Santana do Livramento, pela carência de ações em prol do setor. Faz-se urgente o reconhecimento do papel e da importância da agricultura familiar no processo de desenvolvimento local (TROIAN; BREINTENBACH, 2018,2020)

Observa-se, portanto, que o município de Santana do Livramento tem um histórico de condições desfavoráveis para o desenvolvimento da agricultura familiar. As mudanças que se iniciaram na década de 90, porém, têm ganhado força com ações do Estado e da iniciativa privada. Somado a isso, a categoria vem se consolidando no município e também de forma proativa tem se organizado e buscado estratégias que promovam seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

O presente estudo possui abordagem qualitativa. O método utilizado foi o estudo de caso (YIN, 2005), a partir das técnicas da revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e observação não participante. A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já confeccionado (GIL, 2008). Foram analisados livros, dissertações e artigos científicos que trataram da temática. Já na pesquisa documental foram utilizados documentos pesquisados junto ao Incra, mais precisamente a 11ª Superintendência Regional do Rio Grande do Sul, como publicações e relatórios oficiais referentes ao início e desenvolvimento dos assentamentos, além de notícias e reportagens de jornais e fotos do processo de instalação e informativos referentes ao processo de instituição dos assentamentos.

Na etapa de coleta de dados primários foi utilizada a técnica da entrevista, que apresenta questionamentos básicos alicerçados em teorias relacionadas com o objeto da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987). Foram entrevistados 11 agricultores familiares assentados; as entrevistas ocorreram nos lotes dos participantes da pesquisa, nos finais de semana, após contatos prévios por telefone. Os participantes foram indicados por informantes-chave.⁵ As entrevistas foram realizadas na casa dos agricultores, com o responsável pelo lote, entre agosto e outubro de 2018, a partir de um roteiro semiestruturado, elaborado previamente.

Para definir o número de entrevistas foi utilizado o princípio da saturação, que determina que a coleta de dados deixa de ser necessária quando nenhum elemento amplia o número de significados do objeto investigado (THIRY-CHERQUE, 2009). Ainda, utilizou-se a técnica da observação não participante para obter informações e evidências que auxiliassem na elucidação dos dados coletados por meio das entrevistas. Ela foi realizada nas incursões aos assentamentos para a realização das entrevistas e consistiu no registro de informações que ocorriam a todo tempo. Destaca-se como instrumento de análise, também, as observações realizadas desde o deslocamento até os assentamentos, observando as estradas, a paisagem, os cultivos e as criações, bem como as observações durante a pesquisa nos lotes e famílias. As entrevistas veem reforçar as falas e percepções dos entrevistados.

Em virtude do amplo e complexo ambiente de estudo, composto por 30 assentamentos rurais, optou-se por analisar as estratégias de reprodução social de 3 assentamentos, com base no período de instalação de cada um deles. São eles: 1) Um dos primeiros assentamentos instalados no município: Assentamento São Joaquim, criado em 11/11/1996, tem 1.040,10 hectares, 37 famílias assentadas e foram entrevistados 4 agricultores; 2) Um assentamento intermediário– do ponto de vista do tempo de instalação –o Assentamento Nova Madureira, criado em

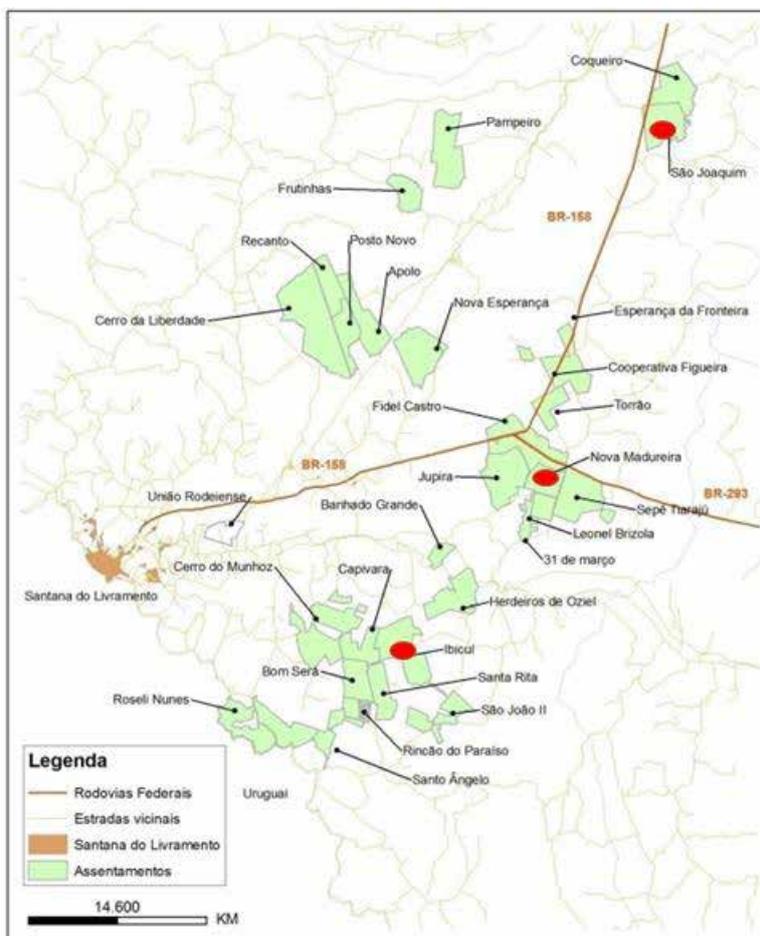
⁵ O primeiro contato se deu por meio da intermediação de um agricultor assentado no assentamento Ibicuí, amigo do primeiro autor, que forneceu os contatos de alguns agricultores conhecidos nos três assentamentos pesquisados.

10/12/2001, tem 596,81 hectares, 24 famílias assentadas e foram entrevistados 3 agricultores; 3) Um dos últimos assentamentos estabelecidos no município, o Assentamento Ibicuí, criado em 20/6/2008, tem 1.374,63 hectares, 59 famílias assentadas e foram entrevistados 4 agricultores (INCRA, 2017). A escolha dos assentamentos deu-se considerando o período de instalação de cada um deles, pois, a partir do tempo, as estratégias de reprodução social adotadas pelos agricultores familiares no município poderiam ser diferentes.

O assentamento São Joaquim localiza-se no entorno da BR 158, entre os municípios de Santana do Livramento e Rosário do Sul e distante 65 Km do perímetro urbano do município. O assentamento Nova Madureira está inserido nas proximidades de outros cinco assentamentos, cujo acesso se dá pela BR 293, 40 Km do centro de Santana do Livramento. Já o assentamento Ibicuí localiza-se a 25 km da área urbana. O assentamento Ibicuí, ao contrário dos dois outros mencionados anteriormente, tem acesso exclusivamente por estrada de terra, com diversas pontes de madeira que apresentam péssimo estado de conservação, dificultando o acesso.

A Figura2 localiza os assentamentos existentes em Santana do Livramento, a proximidade deles com o centro urbano do município e as rodovias, fatores que podem interferir nas estratégias de reprodução adotadas pelas famílias assentadas. Também foram destacados na cor vermelha os três assentamentos pesquisados.

Figura2– Localização dos Assentamentos Rurais de Santana do Livramento/RS



Fonte: Adaptado de AGUIAR (2011).

Após a coleta de dados e transcrição das entrevistas, realizou-se a análise dos dados a partir do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). As categorias de análise foram criadas *a posteriori*, a partir do agrupamento dos discursos dos entrevistados. A triangulação das informações obtidas nas entrevistas, documentos e observações possibilitou a compreensão e análise dos dados que serão apresentados a seguir.

ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DOS AGRICULTORES ASSENTADOS DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RS

A seção apresenta os resultados da pesquisa e está dividida em dois momentos: o primeiro que discute as características socioeconômica dos participantes da pesquisa e o segundo que aborda as estratégias de reprodução social adotadas pelos agricultores familiares entrevistados.

Caracterização socioeconômica dos agricultores entrevistados

Os aspectos socioeconômicos dos agricultores familiares entrevistados mostram que a maioria deles são homens,⁶ possuem até 42 anos, baixa escolaridade - dos 11 entrevistados, 8 têm Ensino Fundamental incompleto, casados, com famílias compostas por no máximo 6 membros e oriundos majoritariamente da região norte do Estado. A baixa escolaridade dos agricultores entrevistados vai ao encontro do estudo de Heredia *et al.* (2002), que constatou que 87% dos agricultores familiares assentados no Brasil possuíam somente o Ensino Fundamental incompleto.

Com relação às atividades agrícolas desenvolvidas pelos agricultores entrevistados, observa-se uma variedade, cuja principal é a bovinocultura de leite. Nas propriedades dos entrevistados a produção agrícola destinada à comercialização foi classificada em cinco grupos, a saber: a) três lotes produzem e comercializam leite para a Cooperforte;⁷ b) três lotes têm as atividades diversificadas com leite, milho, mandioca, silagem e batata-doce. Comercializam o leite e tubérculos com a Cooperforte, o milho com compradores do município de Rosário do Sul e a silagem com vizinhos; c) dois agricultores⁸ produzem leite e soja, o primeiro é comercializado para a Cooperforte e o segundo para a Agrosoja Santana;⁹ d) dois agricultores que produzem bovinos de corte, vendidos para atravessadores, vizinhos e outros produtores da região; e) um agricultor com produção e comercialização de soja para a Agrosoja. A família deixou a produção leiteira por falta de mão de obra.

Os resultados encontrados nos assentamentos pesquisados assemelham-se aos dados do Estado. Conforme o Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva do Leite no Rio Grande do Sul, produzido pela Emater/RS e Ascar em 2017, entre as principais dificuldades apontadas pe-

⁶ O contato e as entrevistas foram realizados por uma pessoa do sexo masculino (primeiro autor). Acredita-se que isso pode ter influenciado no fato dos respondentes, em grande maioria, serem homens.

⁷ Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste Ltda. Atua no meio agroindustrial, produz e comercializa leite para a empresa Cosulat. Atualmente possui aproximadamente 1.300 cooperados.

⁸ Os agricultores do grupo são irmãos, vizinhos e dividem os trabalhos na produção do leite.

⁹ A Agrosoja Santana, empresa que comercializa diversos produtos agrícola, com destaque para comercialização de soja, iniciou seus serviços em Santana do Livramento no ano de 2005.

los produtores gaúchos para a produção e comercialização de leite estão a ausência ou deficiência de mão de obra (44,4%) e a falta de sucessores na atividade leiteira (38,5%) (EMATER RS; ASCAR, 2017). A escassez de mão de obra familiar justifica a migração do agricultor da produção leiteira para a produção de soja.

O plantio de soja na Campanha Gaúcha se relaciona com a expansão da soja transgênica no Estado e seu aumento nos assentamentos deve-se à rentabilidade e à garantia de comercialização (MONTEBLANCO, 2013). Apesar da diversidade da produção agrícola presente nos lotes analisados, a produção leiteira, a exemplo do que já descrevia Chelotti (2009), é a principal atividade econômica responsável pela renda das famílias assentadas. A produção leiteira da agricultura familiar assentada no RS está presente em mais da metade das famílias assentadas (FLECH *et al.*, 2016). A produção leiteira de Santana do Livramento passou de 8 milhões de litros em 2004 para mais de 35 milhões no ano de 2017 (IBGE, 2017).

Agricultura familiar, assentamentos e reprodução social em Santana do Livramento/RS

Os agricultores assentados em Santana do Livramento utilizam tanto estratégias tradicionais ligadas ao histórico da agricultura familiar, a exemplo da diversificação da produção, quanto estratégias mais contemporâneas, como a pluriatividade. As atividades são adotadas conscientemente pelas famílias e variam conforme o tamanho e interesse familiar, a disponibilidade de terra, necessidades, vizinhos e localização do assentamento.

O Quadro1 compila as principais estratégias de reprodução adotadas pelos agricultores familiares de Santana do Livramento, o número de famílias entrevistadas que utilizam as respectivas estratégias e autores e pesquisas que já observaram a estratégia em estudos anteriores. Foram identificadas nove distintas estratégias de reprodução social, as quais foram sistematizadas em três grupo: 1– estratégias relacionadas às atividades produtivas; 2– estratégias assentadas nas relações sociais e 3– estratégias alicerçadas no acesso às políticas públicas.

Quadro1 – Principais estratégias de reprodução social utilizadas pela agricultura familiar assentada de Santana do Livramento/RS

	Estratégias de reprodução	Famílias envolvidas	Referências
Atividades produtivas	Diversificação	11	Chayanov (1974); Prado Junior (1979); Abramovay (1992); Lamarche (1993); Chelotti (2009); Aguiar (2011); Montebianco (2013); Flech <i>et al.</i> , (2016); Troian e Breitenbach (2018)
	Autoconsumo	11	Leite (2004); Grisa, Gazolla e Schneider (2020)
	Pluriatividade	7	Graziano da Silva (1999), Mattei (1999); Schneider (1999, 2003)
Relações Sociais	Cooperativas	10	Melo e Scopinho (2015); Flech <i>et al.</i> ,(2016)
	Parcerias	2	Bacha (2012)
	Lazer e diversão	9	Medeiros e Robl (2013); Flech <i>et al.</i> , (2016)
Políticas públicas	Pronaf	9	Schneider, Mattei e Cazella (2004); Araújo e Vieira Filho (2018)
	Bolsa família	6	Silva (2014); Silva e Schneider (2015)
	Mercado institucional	2	Grisa e Schneider (2015); Cazella <i>et al.</i> , (2016)

Fonte: Elaboração dos autores, com base na pesquisa de campo (2018).

O primeiro grupo de estratégias compiladas foi definido como atividades produtivas, incluindo a diversificação, autoconsumo e pluriatividade. A diversificação ocorre tanto nas fontes de renda quanto na variedade de criações e cultivos. Tal estratégia possibilita segurança diante das adversidades presentes no meio rural. É uma estratégia produtiva típica da agricultura familiar, pode ser realizada tanto para comercialização como para o autoconsumo e foi observada nos três assentamentos pesquisados e em todas as propriedades analisadas.

A diversificação é fundamental na agricultura familiar ao impedir que a família dependa apenas de uma atividade para obtenção de renda, minimizando o risco de perdas decorrentes de agentes externos, como clima, pragas e oscilações no preço do produto (PLOEG, 2008; SCHNEIDER, 2010). Também possibilita às famílias autonomia, segurança alimentar e renda, favorecendo a melhoria no seu bem-estar (ABRAMOVAY, 1992; LAMARCHE, 1993; MATTEI, 1999; VEIGA *et al.*, 2001). No caso analisado a diversificação pode ser exemplificado a partir da fala do agricultor, conforme segue:

Aqui a gente trabalha com plantação de mandioca em quantidade, batata-doce, um pouco de horta, cria um porco, agora vamos começar com o leite também. Temos umas onze novilhas. Na verdade, a gente vê o leite como um salário mensal, uma renda mais garantida. Na verdade, o que acontece é que tu plantas, aí tu colhe, mas é aquele período apenas, passam aqueles seis meses e depois tu vai ter que achar um jeito, e com o leite pelo menos está garantido, dê pouco ou dê bastante mas está saindo ali (Agricultor 10, Assentamento Ibicuí).

Apesar da diversidade produtiva nos lotes analisados, a produção leiteira é a principal atividade econômica responsável pela renda das famílias. Isso aponta para uma limitação nas propriedades rurais, pois apesar de adotarem como estratégia a diversificação, têm as rendas alicerçadas basicamente em uma atividade comercial. A diversificação está relacionada, neste caso, com a diversidade de produtos para o autoconsumo.

A produção para autoconsumo também é uma importante estratégia de reprodução social da agricultura familiar e está presente nos três assentamentos pesquisados. Autoconsumo é a parcela da produção agropecuária destinada ao consumo da família, alimentação animal e para outros usos na atividade produtiva (LEITE, 2004). A produção para o autoconsumo também é diversificada, com produção de hortaliças, frutas, tubérculos, milho, produtos de origem animal como ovos e carnes, entre outros. Ela possibilita que os agricultores economizem, reduzindo a aquisição de produtos alimentícios e insumos produtivos fora da propriedade, gerando maior autonomia. O excedente da produção para autoconsumo, em algumas famílias, pode ser comercializado, dependendo da necessidade e oportunidades de mercado, conforme destaca o entrevistado a seguir.

É que teu gasto é o mínimo, né, por causa que tu estando morando aqui, tu podes produzir o alimento, né, um produto saudável e reduz os gastos. Tu podendo fazer uma horta tu tens a verdura e é uma meia mesa, né, produz a batata, a mandioca, cria um porco, a galinha, já tem a carne, né, o leite, então 60% do alimento já está reduzido, né, essa é a vantagem que eu vejo. Tu podes trabalhar para ti, não tem horário nem nada. Tendo teu negócio em casa tu és o teu próprio patrão mesmo (Agricultor 8, Assentamento Ibicuí).

Além de conferir autonomia e segurança alimentar, a produção para autoconsumo gera renda não monetária, possibilitando que as famílias economizem recursos financeiros, muitas vezes escassos, na aquisição de alimentos nos mercados urbanos, configurando-se como uma

estratégia de diversificação dos meios de vida. Desta forma, contribui com a estabilidade econômica das famílias rurais (GRISA;GAZOLLA;SCHNEIDER, 2010).

A diversidade observada na agricultura familiar não se dá exclusivamente nas atividades agrícolas, mas também naquelas não agrícolas (GRAZIANO DA SILVA, 1999). Para a agricultura familiar assentada de Santana do Livramento não é diferente, posto que tem a pluriatividade como estratégia de reprodução. Sete famílias são pluriativas, tendo algum integrante que exerce atividades, em tempo parcial (*part time*) ou total (*full time*) fora do lote.

Os assentados pesquisados exercem atividades como motorista, costureira, agente de saúde, técnico agrícola, trabalhos em restaurante, alambrador, entre outros, conforme exemplificado na fala da agricultora a seguir. “O meu marido é técnico agrícola, mas hoje ele está desempregado. Ele faz alguns projetos de solo agora, e eu sou agente de saúde e trabalho aqui nos dois assentamentos, trabalho de casa em casa e conheço todo mundo” (Agricultora 1, Assentamento São Joaquim). O que leva esses agricultores a procurar outras atividades que gerem renda, tornando-se pluriativos, é a insuficiência dos recursos financeiros obtidos por meio das atividades agrícolas, a busca por melhor qualidade de vida para si e familiares, incertezas climáticas e de produção, aliadas à falta de assistência técnica, distância do meio urbano.

A pluriatividade está mais presente nos Assentamentos São Joaquim e Ibicuí e menos evidente no Assentamento Nova Madureira. Tais descobertas vão ao encontro do que observaram Graziano da Silva (1996), Mattei (1999), Schneider (1999), Veiga *et al.* (2001), para os quais o meio rural não é sinônimo de produção agrícola. As atividades não agrícolas, além de complementarem a renda familiar, auxiliam na produção agrícola, financiando cultivos, melhorias no lote e nas condições de trabalho dos agricultores.

Outro grupo de estratégias foi formado pelas relações sociais, incluindo participação em cooperativas, parcerias entre agricultores, lazer e diversão. A estratégia relacionada à participação em associação e cooperativas foi destacada por dez entrevistados. De modo análogo ao que destacaram Melo e Scopinho (2015), ocorre participação dos agricultores familiares assentados de Livramento na Cooperforte. O cooperativismo, neste caso, proporciona aos agricultores sentimento de pertencimento a um grupo maior, possibilidade de comercialização da produção leiteira e compra parcelada de insumos para as produções.

A constituição da Cooperforte ocorreu após a instalação dos assentamentos no município, conferindo aos agricultores um sentido de propriedade coletiva da cooperativa. Um dos agricultores entrevistados destaca a importância e a responsabilidade da entidade para a coleta, escoamento e armazenamento da produção:

A lavoura tem uma desvantagem, é que se o cara não colher no tempo certo apodrece, daí tem que colher e guardar bem, senão acaba perdendo. Para isso a cooperativa é importante. A mesma coisa é o leite. Se o caminhão parar um ou dois dias, estraga o leite, e assim é a responsabilidade deles, se colaborar tudo vai bem né (Agricultor 5, Assentamento Nova Madureira).

Outra estratégia identificada foi as parcerias entre as famílias pesquisadas, produzindo conjuntamente leite e soja e dividindo igualmente o trabalho com essas atividades. As parcerias melhoram as condições de vida das famílias, otimizando e adequando a mão de obra disponibilizada. Autores como Castro (2005) e Mello (2006), entretanto, relatam que é comum ocorrerem desentendimentos entre os agricultores assentados, quase sempre relacionados à forma de trabalhar ou ao desmembramento de grupos coletivos de produção. As brigas e desentendi-

mentos entre os assentados muitas vezes são ocasionadas por discussões acaloradas em reuniões deliberativas do assentamento ou em assembleias da associação dos assentados.

Outra estratégia de reprodução social identificada na agricultura familiar santanense são as atividades de lazer e diversão no espaço rural, apontada por nove entrevistados. Os agricultores praticam atividades religiosas, esportivas e sociais, como bailes e festas nas comunidades rurais, configurando-se em momentos de conversas, interação, descontração e reencontros. A exemplo do que informa um dos agricultores entrevistados: *“Aqui mais é o jogo de futebol e tem a comunidade também que acontecem festas, agora mesmo estão planejando baile”* (Agricultora 1, Assentamento São Joaquim). A estratégia, além de ser indispensável para a reprodução social das famílias, confere melhoria na sua qualidade de vida.

Por fim, o acesso às políticas públicas é a terceira categoria de estratégias e inclui o acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), ao Bolsa Família e à comercialização de produtos a partir do mercado institucional. Acessar crédito rural federal a partir do Pronaf foi apontado por nove entrevistados como uma estratégia de reprodução social. A exemplo do que atesta um dos agricultores, o crédito é utilizado para investimentos e melhorias no lote: *“Adquirimos o Pronaf para aquisição de vacas leiteiras, ampliação do galpão e melhoramento da infraestrutura”* (Agricultor 8, Assentamento Ibicuí).

Parte dos agricultores entrevistados, entretanto, possuem dívidas e ficam impossibilitados de conseguir novos financiamentos para custeio da produção ou investimentos para a propriedade rural. Os agricultores afirmam que a falta de acompanhamento técnico durante a execução dos projetos de financiamento colaborou para a inadimplência. Targino e Couto (2007), ao estudarem 20 Projetos de Assentamento (PAs) na Zona da Mata Paraibana, concluíram que quase todos os trabalhadores estavam endividados, constituindo uma situação preocupante para a maioria deles. Os autores identificaram a necessidade de fortalecer a estrutura produtiva dos assentamentos e mudanças na política de crédito.

Já nos casos de renda insuficiente para a sobrevivência familiar, o Programa Bolsa Família (PBF) configura-se como uma estratégia de reprodução social na agricultura familiar em análise, conferindo renda e maior autonomia às famílias. O programa é um dos principais responsáveis pelo aumento da frequência escolar dos estudantes beneficiários e pelo acompanhamento médico das crianças e mães beneficiárias (SILVA, 2014). A presença do PBF foi verificada em seis famílias entrevistadas, quatro delas residentes no Assentamento Ibicuí. Os agricultores desse assentamento possuem as piores condições de estrada e receberam assistência técnica por menor tempo, se comparado aos demais assentamentos. Esses elementos podem estar ligados ao maior número de famílias fazendo uso do PBF.

Das famílias assentadas no RS, 42% são beneficiárias do PBF (FLECH *et al.*, 2016) e no Brasil 31,5 % das famílias (CAZELLA *et al.*, 2016). Um agricultor entrevistado relatou a importância do PBF para a aquisição de alimentos para consumo familiar: *“A família recebe em torno de R\$ 117,00 por mês, mal ou bem dá para nós comprarmos um arroz com feijão. A questão da escola das crianças, roupas e calçados eu tenho que trabalhar fora para poder dar assistência, e mesmo assim às vezes não consigo”* (Agricultor 11, Assentamento Ibicuí).

Outra estratégia relacionada às políticas públicas é a comercialização de produtos nos mercados institucionais. Nesses, configuração específica de mercado, as redes de troca têm estrutura particular, predeterminada por normas definidas por um conjunto de atores e orga-

nizações que conferem ao Estado o papel principal, por meio das compras públicas (GRISA;-GAZOLLA;SCHNEIDER, 2010). A presente pesquisa constatou baixa adesão dos agricultores familiares assentados ao mercado institucional. Embora estes conheçam os programas que compõem os mercados institucionais (PAA– Programa de Aquisição de Alimentos e PNAE– Programa Nacional de Alimentação Escolar), apenas dois os acessam. Similar ao que observaram Cazella *et al.*(2016), parcela importante da agricultura familiar do presente estudo está distante dos programas tradicionais de apoio fornecidos pelo Estado.

Os agricultores que comercializam por intermédio do mercado institucional apresentam discursos entusiasmados com relação à comercialização diretamente para o poder público, vendendo leite, frutas, entre outros. *“Sim, eu faço parte sempre aqui na Cooperforte, sempre entrego para o PAA. Eu pego ou milho verde, ou batata, ou mandioca, ou hortifruti, eu entrego bastante. Sempre produzo bastante e entrego”* (Agricultor 4, Assentamento São Joaquim).

A demora no recebimento do pagamento é o principal fator apontado pelos agricultores entrevistados para descontinuar a comercialização nos mercados institucionais. Assim, necessitam buscar outros compradores para seus produtos e nem sempre conseguem obter melhor lucratividade em virtude dos custos de escoamento da produção. Além de dificultar a obtenção de renda pelas famílias, o fato de não acessarem os mercados institucionais acaba inviabilizando importantes programas pensados e criados para auxiliar o agricultor familiar.

As estratégias de reprodução social dos assentados de Santana do Livramento reforçam a diversidade e a heterogeneidade da agricultura familiar. O estudo aponta que, embora sejam categorizados como assentados, as condições das famílias são distintas entre si. Enquanto há famílias capitalizadas, integradas aos mercados, existem aquelas empobrecidas e dependentes do Estado, de políticas de transferência de renda, por exemplo.

A partir das estratégias de reprodução social observadas na pesquisa, pode-se inferir que a agricultura familiar assentada, embora em um contexto adverso, em meio as grandes extensões de terra, criação extensiva de gado e ao monocultivo de soja, adota estratégias que não diferem das seguidas por agricultores familiares em outros contextos e realidades ou quando comparado ao que vem sendo identificado na literatura. Ou seja, o estudo não constatou nenhuma estratégia inovadora ou diferenciada das conhecidas e estudadas.

Podemos inferir que essas diferenças nas estratégias adotadas entre os agricultores, bem como o conservadorismo de estratégias podem ser ocasionadas por: a) origem das famílias de agricultores e as tradições produtivas familiares, as quais interferem nas atividades produtivas com as quais os agricultores se identificam e têm maior curva de experiência; b) o tamanho e a disposição da área de terra dos assentados, que pode favorecer umas atividades e inviabilizar outras; c) a distância do centro urbano e a precariedade das estradas pode dificultar a comercialização de produtos, a exemplo da entrega de alimentos para mercados institucionais, bem como estimular que seja priorizada a produção de mais fácil escoamento, como soja e leite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade e a heterogeneidade da agricultura familiar implicam distintas estratégias de reprodução social. As estratégias adotadas pelos agricultores familiares assentados de Santana do Livramento, embora com a particularidade de a região ser tradicional na produção pecuária em grades propriedade, não diferem do que a literatura vem abordando.

As estratégias dos agricultores tendem a não diferir em virtude do assentamento em que cada família vive, seja ele criado nos anos 1990 ou nos anos 2010, mas em virtude das circunstâncias de vida, conhecimentos pessoais, expectativas futuras, tamanho das famílias, recursos disponíveis, capital intelectual, entre outros. O assentamento mais recente e o mais antigo concentram o maior número de agricultores entrevistados pluriativos e o assentamento Nova Madureira possui o maior número de agricultores monoativos. Ou seja, na presente pesquisa não foi o tempo de estabelecimento no assentamento que definiu a estratégia de reprodução social das famílias, mas as condições de cada assentamento, como a distância do perímetro urbano e as dificuldades de escoar a produção.

A pluriatividade, considerando as atividades agrícolas e não agrícolas, no caso pesquisado é utilizada para complementar a renda dos assentados. Existem evidências de que ela seja realizada por famílias mais jovens, com mais informações e facilidades de deslocamento. A pesquisa identificou também que não são apenas as atividades geradoras de renda as responsáveis pela reprodução social das famílias, mas também as relações sociais, culturais, históricas e com a terra. O fato de os entrevistados possuírem vínculo com o campo, aliado à convivência amistosa entre as famílias, demonstra o espírito de pertencimento ao meio rural desses agricultores, trazendo uma nova dinâmica ao meio rural santanense, gerando renda, novos hábitos, demandas e relações sociais no município.

Os agricultores veem no lote, além da sua morada, a oportunidade de vivenciar a relação histórica com o meio rural, a tranquilidade que a vida no campo proporciona, entre outros fatores que contribuem para uma melhor qualidade de vida percebida pelas famílias. A melhoria na qualidade de vida dos agricultores possibilita que estes aumentem sua participação na economia local, conforme verificou-se com a comercialização do leite. Por outro lado, cabe destacar a presença da pobreza nos assentamentos rurais locais e a elevada porcentagem de famílias dependentes das políticas de transferência de renda.

É necessário mais atenção do Estado para os agricultores familiares assentados. É inexplicável que um município com mais de 900 famílias assentadas, que produzem e dinamizam a economia local, não tenha manutenção eficiente das estradas rurais, por exemplo. Por fim, aponta-se para a necessidade de novos estudos sobre a relação dos assentamentos com o desenvolvimento rural, principalmente após as recentes alterações na legislação, que possibilitam aos agricultores assentados a titularidade da terra, rompendo relações com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, podendo inclusive comercializar o lote.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *De camponeses a agricultores: paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Hucitec/Ed. Unicamp, 1992.

AGUIAR, J. S. *Uso da terra, técnica e territorialidade: os assentamentos de Santana do Livramento, RS*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

AGUIRRE, M. L. C.; TROIAN, A. A agricultura familiar de Santana do Livramento/RS: análise do Censo Agropecuário de 2017. *Agropampa: Revista de Gestão do Agronegócio*, Dom Pedrito, RS, v. 2, n. 2, ed. especial, p. 21 - 25, 2020.

ALBORNOZ, V. P. L. *Fronteira gaúcha: Santana do Livramento*. Caderno de História: Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura; Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2000.

ARAÚJO J. A.; VIEIRA FILHO. E. R. *Análise dos impactos do PRONAF na agricultura do Brasil no período de 2007 a 2016*. Texto para discussão. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea, 2018.

BACHA, C. J. *Economia e política agrícola no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMEL, A.; BASSO, L. C. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. In: CAMARGO, G.; CAMARGO FILHO, M.; FÁVARO, J. L. (org.). *Experiências em desenvolvimento sustentável e agricultura familiar*. Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2004.

BOURDIEU, P. Stratégies de reproduction et modes de domination. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 105, p. 253-267, dez. 1994.

CAGGIANI, I. *Sant'Ana do Livramento: 150 anos de história*. Sant'Ana do Livramento, Aspes, 1983. I Vol.

CASTRO, E. G. de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CAZELLA, A. A. et al. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil: o dilema entre inclusão produtiva e assistência social. *Política & Sociedade*, Florianópolis v. 15, p. 49-79, 2016.

CHAYANOV, A. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHELOTTI, M. C. A estância metamorfoseou-se: (re)configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na Campanha Gaúcha. (1990-2007). 2009 Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas da reforma agrária na campanha gaúcha. *Campo-território: Revista de Geografia*, Uberlândia, MG, v. 8, n. 15, p. 1-25, 2013.

EMATER RS; ASCAR. *Relatório socioeconômico da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul: 2017*. Porto Alegre, RS, 2017.

ENGELMANN, D. *Da estância ao parreiral: um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento*. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FLECH, E. M. et al. O retrato das famílias assentadas do Rio Grande do Sul a partir do sistema integrado de gestão Rural da ATEs. In: SIMPÓSIO DE REFORMA AGRÁRIA E QUESTÕES RURAIS, 7., 2016. Araraquara. *Anais [...]*. Araraquara, Uniara, 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAZIANO DA SILVA, J. *O novo rural brasileiro*. Campinas: Unicamp; Instituto de Economia, 1999.

GRAZIANO DA SILVA, J. Por uma reforma agrária não essencialmente agrícola. *Revista Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 8-11, mar. 1996.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. Uma produção invisível na agricultura familiar: autoconsumo, alimentação segurança e políticas públicas de desenvolvimento rural. *Agroalimentar*, Mérida, v. 16, n. 31, 2010.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. (org.). *Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

LEITE, S. P. Autoconsumo y sustentabilidad en la agricultura familiar: una aproximación a la experiencia brasileña. In: BELIK, W. (org.). *Políticas de seguridad alimentaria y nutrición en América Latina*, São Paulo: Hucitec, 2004. p. 123-181.

HEREDIA, B. et al. Análise dos impactos regionais da reforma agrária no Brasil. In: *Estudos, Sociedade e Agricultura*, Seropédica, RJ, n. 18, p. 73-111, abr. 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos*. Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-105, 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 23 out. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Portal de Mapas do IBGE*. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#homepage>. Acesso em: 10 maio 2021.

IBF. Instituto Brasileiro de Florestas. *Bioma Pampa*. 2017. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pampa.html>. Acesso em: 18 out. 2019.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. 2017. Disponível em: <https://www.incra.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2017.

LAMARCHE, H. (coord.). *A agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multiforme*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. Vol. I.

- MATTEI, L. F. *Pluriatividade e desenvolvimento rural no Estado de Santa Catarina*. 1999. Tese (Doutorado em Economia) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- MATTEI, L. F. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 45, p. 71-79, 2014.
- MEDEIROS, L. S. *Reforma agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- MEDEIROS, R. M., ROBL, D. M. Educação rural, saberes e desenvolvimento local. In: MEDEIROS, R. M. V.; FALCADE, I. (org.). *Expressões da Re-territorialização do Campo Brasileiro*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.
- MELLO, P. F. *Evasão e rotatividade em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul*. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MELO, T. G.; SCOPINHO, R. A. Participação em cooperativas de assentamentos rurais: estudo sobre os sentidos do trabalho. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 20, n. 4, p. 529-541, 2015.
- MONTEBLANCO, F. L. *O espaço rural em questão: formação e dinâmica da grande propriedade e dos assentamentos da reforma agrária em Santana do Livramento/RS*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2013.
- PLEIN, C.; SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e estratégias de reprodução: o caso do município de Iporã d' Oeste, Santa Catarina. *Revista Faz Ciência*, Francisco Beltrão, PR, p. 231-254, 2004.
- PLOEG, J. D. V. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- PRADO JUNIOR, C. *A questão agrária*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia Rural) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- SCHNEIDER, S. *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.
- SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 30, n. 3, set. 2010.
- SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 51, v. 18, p. 99-122, 2003.
- SCHNEIDER, S.; MATTEI, L.; CAZELLA, A. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: SCHNEIDER, S.; SILVA, M. K.; MARQUES, P. E. M. (org.). *Políticas públicas e participação social no Brasil rural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- SILVA, C. B. C. *O programa Bolsa Família no meio rural: um caminho ao desenvolvimento do Rio Grande do Sul?* 2014. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SILVA, C. B. C.; SCHNEIDER, S. Pobreza rural e o Programa Bolsa Família – desafios para o desenvolvimento rural no Brasil / 443. In: GRISA, C.; SCHNEIDER, S. (org.). *Políticas Públicas de desenvolvimento rural no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- SILVEIRA, M. B. *Marketing de lugares como promotor do desenvolvimento territorial: análise nas empresas vinícolas da região da Campanha Gaúcha*. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) –Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, RS, 2018.
- TARGINO, I.; COUTO, A. I. Política de crédito e endividamento de trabalhadores assentados: o caso da zona da mata paraibana. *Revista Emancipação*, v. 7, n. 1, p. 135-164, 2007. Disponível em: <https://revistas.apps.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/90/88>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- THIRY-CHERQUE, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisa em Marketing, Opinião e Mídia*, São Paulo, p. 20-26, 2009.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Estratégias e formas de reprodução social na agricultura familiar da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 21, p. 1-15, 2018.
- TROIAN, A.; BREITENBACH, R. O Programa Nacional de Alimentação Escolar em Santana do Livramento (RS): desafios para a adequação à Lei dos 30%. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 25, p. 171-190, 2020.
- VEIGA, J. E. da et al. *O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento*. Brasília: Convênio Fipe – IICA (MDA/CNDRS/ NEAD), 2001.

WANDERLEY, M. N. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, edição v. 11, n. 2, Seção n. 21, p. 42-61, out.2003.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE1
Caracterização socioeconômica dos agricultores familiares
assentados entrevistados

Entrevistado	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Estado civil	Assentamento	Tempo no assentamento	Núcleo familiar	Naturalidade	Área	Atividades desenvolvidas
Agricultora 1	55	Fem.	Ensino Médio	Casada	São Joaquim	21 anos	3 pessoas	Ronda Alta/RS.	28 ha	Leite, milho, hortifruti, aves, suínos.
Agricultor 2	49	Masc.	Fundamental incompleto	Solteiro	São Joaquim	21 anos	3 pessoas	Engenho Velho/RS.	22 ha	Soja.
Agricultor 3	40	Masc.	Ensino Médio incompleto	Casado	São Joaquim	21 anos	6 pessoas	Palmeira das Missões/RS.	27 ha	Bovinos de corte.
Agricultor 4	49	Masc.	Fundamental Incompleto	Solteiro	São Joaquim	21 anos	4 pessoas	Constantina/RS.	27 ha	Leite, milho, mandioca.
Agricultor 5	39	Masc.	Fundamental Incompleto	Casado	Nova Madureira	16 anos	4 pessoas	Constantina/RS.	21 ha	Leite, milho, feijão, mandioca, hortaliças.
Agricultor 6	38	Masc.	Fundamental incompleto	Casado	Nova Madureira	14 anos	4 pessoas	Três Palmeiras/RS.	22 ha	Leite e soja.
Agricultor 7	36	Masc.	Ensino médio	Casado	Nova Madureira	14 anos	5 pessoas	Três Palmeiras/RS.	22 ha	Leite e soja.
Agricultor 8	37	Masc.	Fundamental Incompleto	Casado	Ibicuí	12 anos	3 pessoas	Santana do Livramento/RS.	18 ha	Leite, mandioca, batata, ovo, doce de leite e outros.
Agricultor 9	42	Masc.	Fundamental Incompleto	Casado	Ibicuí	1 ano	3 pessoas	Tupanciretã/RS.	18 ha	Leite, mandioca, batata.
Agricultor 10	38	Masc.	Fundamental Incompleto	Casado	Ibicuí	5 anos	2 pessoas	Constantina/RS.	22 ha	Mandioca, batata, suíno, hortaliças.
Agricultor 11	42	Masc.	Fundamental Incompleto	Casado	Ibicuí	11 anos	5 pessoas	Santana do Livramento/RS.	21 ha	Bovinos de corte.

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo (2018).